

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

ALÉXIA MARIA DE HOLANDA MARQUES

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PAUTA: UMA ANÁLISE DE UM LIVRO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO**

PICOS

2023

ALÉXIA MARIA DE HOLANDA MARQUES

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PAUTA: UMA ANÁLISE DE UM LIVRO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO**

Artigo apresentado a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito obrigatório para aprovação no Curso de Letras Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB.

Orientadora: Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento.

PICOS

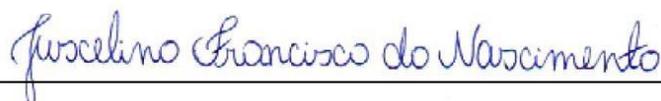
2023

ALÉXIA MARIA DE HOLANDA MARQUES

**VARIAÇÃO/DIVERSIDADE LINGUÍSTICA EM PAUTA: UMA ANÁLISE DE UM
LIVRO DE LÍNGUA PORTUGUESA CONFORME A BNCC**

*Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal do
Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de
Barros, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciada em
Letras/Português.*

Aprovado em 29 de agosto de 2023.



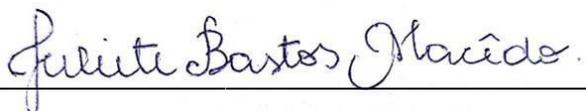
Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (Presidente)

Universidade Federal do Piauí – UFPI



Prof. Me Manoel Crispiniano Alves da Silva (Primeiro Avaliador)

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS



Prof. Me. Juliete Bastos Macêdo (Segunda Avaliadora)

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PAUTA: UMA ANÁLISE DE UM LIVRO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO

Aléxia Maria de Holanda Marques¹

Juscelino Francisco do Nascimento²

RESUMO: A variação linguística, segundo a Sociolinguística Variacionista, é um fenômeno inerente à língua, pois disfuncional seria se a língua não apresentasse essa realidade heterogênea. Com base nisso, este trabalho pretende analisar como o livro de língua portuguesa do primeiro ano do ensino médio tem tratado esse assunto proposto, visto que é recomendado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Como material de análise foi utilizado o livro Práticas de linguagem (FARACO, MOURA E MARUXO JÚNIOR (2021), verificando se esse atende ao que é preconizado pela BNCC. Para chegar aos resultados obtidos, realizamos um estudo bibliográfico de abordagem qualitativa, baseado em autores como Bagno (2017), Mussalin Bentes (2006), Bortoni (2004), Scherre e Yaconvenco (2011), Cesário e Votre (2018), Lima (2019), Brasil (2018). Diante disso, analisou-se as variações linguísticas; a sua condução no ensino de língua materna com relação ao papel da escola em ensinar a população uma língua como fenômeno mutável; variação linguística segundo o que a BNCC propõe. Tudo com o intuito de analisar como foi abordado a variação linguística no recurso didático de utilização do professor, e que o mesmo aborda parcialmente sobre variação linguística. Nos resultados observou que se tem expressões próprias da população que vive no sertão ou zona rural. o foco da atividade se volta para a interpretação textual, contando apenas com uma questão que pede para o discente definir a identidade social de um dos personagens do romance, de forma ampla, por meio da observância das características do local, onde se passa a história. No segundo texto, que particulariza o povo pertencente a uma camada mais pobre da população, indicando variação diatópica. A atividade do material analisado, conta com duas questões, as quais abordam sobre o tema “preconceito linguístico”, fruto da variação. O último texto, aborda temas de cunho crítico a respeito do racismo, da violência e etc. É possível notar a presença de jargões linguísticos informais e expressões corriqueiras de uso do grupo. As questões da atividade abrem discussões sobre o uso de expressões serem corretas quando utilizadas de acordo com o contexto social. O exercício pede para que o alunado observe os termos próprios da linguagem oral utilizada pelo autor do texto, que, aparentemente, habita nas periferias do hemisfério sul, bem como faz um questionamento do porquê do uso da norma padrão não ser coerente nesse estilo de texto.

Palavras-chave: variação; livro didático; BNCC.

¹ Discente regularmente matriculada no Curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI-CSHNB).

E-mail: alexia13hmarques@hotmail.com

² Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), Graduado e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), da qual é Professor Adjunto e Coordenador do Curso de Letras/Português, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

E-mail: juscelino@ufpi.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O Brasil contém uma diversidade de variedades linguísticas perceptíveis nas interações sociais que são indispensáveis ao conhecimento de todo falante. Essa variedade é resultado de diferentes povos e grupos culturais, tais como os povos portugueses, indígenas e estrangeiros, assim como os africanos que habitaram o território brasileiro a partir do século XVI, no período colonial.

A recomendação para o trabalho com a variação linguística está prevista na Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC), que tem por finalidade normatizar a elaboração dos currículos escolares, de modo a assegurar as competências e as habilidades necessárias aos educandos nas diferentes áreas do conhecimento.

Conforme a BNCC, os alunos devem compreender a língua como fenômeno social, cultural e variável, de modo que possam reconhecê-la como maleável ao contexto de uso e como elemento identitário, evitando o preconceito linguístico, ainda tão arraigado nos dias atuais.

Conhecer a realidade heterogênea da língua é indispensável a qualquer indivíduo, pois ele está sempre fazendo o uso da língua para se comunicar e mantém contato com grupos culturais distintos, a todo momento, seja por meio da Internet, em viagens, bem como em salas de aula e na sociedade como um todo, devido ao contato com vários povos de diferentes línguas, modos de falar e formas de se expressar.

Diante de uma temática tão discutida por professores e linguistas, assim como em documentos oficiais de ensino, este trabalho traz a seguinte pergunta de pesquisa: "Como o livro de Língua Portuguesa do primeiro 1º ano do Ensino Médio tem tratado a variação/diversidade linguística proposta pela BNCC?".

Como objetivo geral desta pesquisa, buscamos analisar como o livro de Língua Portuguesa Práticas de linguagem (FARACO; MOURA; MARUXO JÚNIOR (2021), do 1º ano do Ensino Médio que trata a variação linguística proposta pela BNCC. Para tanto, propomos os seguintes objetivos específicos: a) identificar a concepção de língua norteadora do livro didático; b) verificar o espaço dado à variação/diversidade linguística no livro de Língua Portuguesa e c) analisar as atividades que promovam o

respeito à variação/diversidade linguística.

Esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa; é descritiva, explicativa e exploratória, em relação aos objetivos e procedimentos, é bibliográfica. Como referencial teórico, utilizaremos, entre outros, Bagno (2002), Bortoni-Ricardo (2004) e Brasil (2018).

Este trabalho justifica-se por ser um tema que até hoje é considerado uma mazela social, geradora de preconceito linguístico entre diferentes pessoas pertencentes a comunidades distintas, bem como por se tratar de um assunto discutido na BNCC, que tem, como uma de suas competências específicas de Língua Portuguesa, trabalhar a variação linguística.

Nesta perspectiva, a metodologia para se trabalhar esse assunto tem se mostrado Complexa e muito discutida em termos de ser colocada em prática entre muitos professores do ensino básico, os quais, ao passo que possuem uma visão da norma- padrão como superior em relação as demais formas de falar, também mostram resistência em adotar uma metodologia mais moderna, em que pese a participação do aluno de forma efetiva e interativa, compreensível e eficaz para os alunos.

Nesse cenário, consideramos relevante uma visão ampla da língua no ensino de língua portuguesa que proporcione ao alunado, além da gramática normativa, conhecimento dos diferentes modos de expressões comunicativas provenientes dos dialetos regionais, situacionais e culturais de povos diversos.

Assim, investigaremos se os livros didáticos de língua portuguesa, em particular do 1º Ano do Ensino Médio, têm seguido o que prevê a BNCC sobre o ensino de língua, e, de forma mais específica, sobre a variação//diversidade linguística constante no livro.

Além dessa seção introdutória, este trabalho estrutura-se em 5 seções. Na primeira, discute-se acerca das variações linguísticas, considerando o que diz a literatura nacional vigente, conceitos e uso destas variações. Em seguida, o estudo trata da variação/ diversidade linguística e a sua condução no ensino de língua materna, enfatizando-se que as maiores diferenças com referência à variação linguística estão entre o Brasil urbano e o rural, dentre outras colocações relevantes em torno do ensino das variações linguísticas e o trabalho com estas na língua materna. Após essa discussão, o estudo apresenta a seção que trata da variação linguística sob a ótica da BNCC, discussão esta que enfatiza que a variação linguística é uma das temáticas

discutidas dentro da área de linguagens na BNCC. Apresenta ainda a metodologia da pesquisa utilizada nesse estudo, a análise de dados, seguida das considerações finais e referências de pesquisa.

2 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

As variações e as mudanças linguísticas é que são, o estado natural das línguas, o seu jeito próprio de ser. Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época heterogênea, diversificadas, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável, seria justamente que as línguas permanecessem instáveis e homogêneas. (BAGNO, 2017, p. 37)

Este fenômeno pode ser facilmente observado por intermédio das interações entre as pessoas que ocupam um mesmo espaço social, as quais se utilizam de expressões diversas para fazer menção a um mesmo objeto, bem como por meio do sotaque sobre o qual emite os enunciados. Nesse sentido, a língua é de cunho totalmente heterogêneo, pois é dinâmica e sofre com os condicionamentos dos fatores internos ao sistema e também dos extralinguísticos.

A heterogeneidade presente na fala dos falantes, denominamos de variação Diatópica, demonstrando a qual região o sujeito pertence, ou diastrática que expressa o perfil social do sujeito. Sobre isso, Mussalin e Bentes (2006, p. 34) pontuam que:

As variações geográficas ou diatópicas estão relacionadas às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observadas entre falantes de origem geográfica distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a idade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala.

Em relação a isso, pode ser citado como exemplo a fruta de nome ata, utilizada no Nordeste do Piauí e que passa a ser chamado fruta do conde no Norte do Pará, ambos indicando um mesmo objeto. Demonstrando, dessa forma, uma variação de caráter geográfico. Do mesmo modo, o nome intestino passa a ser pronunciado intistino, indicando variação de categoria social, comumente utilizada pela camada mais pobre da população. Trata-se assim da variação linguísticas diastrática ou social que acontecem segundo hábitos e cultura de diferentes grupos sociais e que surgiu considerando-se que

esse tipo de variação ocorre porque há diferentes grupos sociais que tem diferentes conhecimentos, modos de atuação e formas de comunicação (BAGNO, 1999).

Ainda de acordo com esse autor, qualquer demonstração de preconceito é, com efeito, consequência de um prejulgamento e desconhecimento de um país multicultural que não tem apenas uma forma somente de falar, mas várias línguas, dialetos e que, por sua vez, se trata de uma característica relevante que acaba por refletir no que se denomina de variações linguísticas.

Além disso, pode-se enfatizar estas mudanças a partir de uma concepção histórica ou diacrônica, tendo em vista que a língua é um instrumento vivo que está em contante movimento e/ou evolução. Com base nisso, aponta-se como exemplo o vocábulo *cousa* que, devido ao tempo, deixou de ser utilizado pela população, passando a ser reverenciado mediante a expressão *coisa*. Nesse viés, ressalta-se ainda que esta variação e mutualidade presentes na língua também podem ser explicadas através de situações sociais de fala, nas quais os sujeitos utilizam de um vocabulário linguístico mais formal ou coloquial. Sobre isso, designa Bortoni-Ricardo (2004) que se trata de um “Continuum de monitoramento estilístico. Os fatores que nos levam a monitorar o estilo são: o ambiente, o interlocutor, e o tópico da conversa.”

Logo, vê-se que a todo momento a variação linguística se faz presente em nosso cotidiano, seja por meio do nosso contato assíduo com diferentes pessoas em cenários sociais diversos, ou até mesmo por meio da leitura de livros que trazem em seu íntimo vocábulos que atualmente caíram em desuso.

Essas variabilidades presentes na língua instigam os estudos da variação Sociolinguística que tiveram aprofundamento no ano de 1960, a partir do campo da sociolinguística, a qual estuda a língua em consonância com os fatores sociais, das quais decorrem as variações. Sobre isso, Scherre e Yaconenco, (2011, p 122) afirmam que “Na década de 1960 surge um modelo sociolinguístico forte, cuja compreensão é a de que a variação e as mudanças linguísticas são inerentes ao próprio sistema [...]”.

É importante mencionar que a Sociolinguística surgiu com o intuito de refutar a teoria linguística de Saussure, o qual, segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 71), considera a língua como “um sistema abstrato partilhado por uma comunidade de falantes que ganha realidade concreta na fala”. Compartilhando, portanto, de uma visão limitada da

língua, a qual se apoia em um conjunto de regras. Diante dessa concepção, a língua é considerada homogênea.

No entanto, contradizendo a visão de Saussure sobre a língua, os autores Cesário e Votre (2008, p. 141) enfatizam que a “sociolinguística é uma área que estuda a língua em uso real, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Por isso, a sociolinguística interessa-se na variação e mudança da língua, pois é uma disciplina que aprecia a língua como é de fato.

3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A SUA CONDUÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

A variação linguística é inerente a qualquer língua. No Brasil, o português brasileiro é falado por indivíduos pertencentes a comunidades e regiões distintas, que apresentam culturas e crenças, com influência direta no modo de falar, expressão e comportamentos. Conforme Bagno (2002, p. 16):

A verdade é que no Brasil, embora a língua falada seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país que gera as diferenças regionais bastantes conhecidas e também vítimas, algumas delas de muito preconceito, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo.

Em relação a isso, Bortoni-Ricardo (2004, p.63) afirma que as maiores diferenças com referência à variação linguística estão entre o Brasil urbano e o rural e que em todos os cenários sociais, até mesmo entre os mais formais, como nas salas de aulas, por parte dos professores, é perceptível momentos em que eles monitoram a sua linguagem, se utilizando de um vocabulário mais culto; e em outros em que faz uso de uma língua mais comum pertencentes a sua origem.

Diante disso, a escola, associada à sociedade e como um dos principais veículos de educação e formação do cidadão, precisa ensinar à população sobre a heterogeneidade da língua e o seu caráter social e variável. Entretanto, não é isso que se tem observado, uma vez que muitos professores estão entre aqueles que dão

preferência à norma-padrão e não consideram a variação/ diversidade linguística. Sobre isso, Bagno (2002, p. 15) explica:

A escola geralmente não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, impondo assim sua linguística, como se ela fosse, de fato a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de grau e de escolarização.

No tocante a essa falta de reconhecimento acerca do português falado no Brasil por parte de muitos professores e instituições de ensino, abundantemente, gera-se o preconceito linguístico entre os alunos e a população como um todo, uma vez que todo uso que foge da forma padrão ensinada e se aproxima da linguagem coloquial ou de origem do falante, principalmente decorrentes das regiões/áreas menos privilegiadas é vista sob uma perspectiva negativa. Nesta perspectiva, Bagno (2007, p. 8) enfatiza:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, a confusão que foi criada, entre língua e gramática normativa (...) uma receita de bolo, não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, assim como o mapa-múndi não é o mundo(...) também a gramática não é língua.

Nessa conjuntura, as normas da gramática tratam-se somente de um dos usos da língua, visto que são imprescindíveis para o indivíduo em algumas situações de fala ou escrita que exigem do falante um comportamento linguístico segundo a norma culta da língua portuguesa. Sobre isso, é de suma relevância que o seu ensino continue a perdurar em sala de aula. Porém sem desconsiderar os demais usos que competem à língua.

Nesta perspectiva, é necessário que o ensino de língua materna esteja respaldado numa concepção heterogênea que contemple as variações, pois considera-se que um ensino baseado na completude da língua é a solução para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno e a diminuição do preconceito linguístico por parte dos discentes.

Sobre isso, a BNCC tem papel fundamental, uma vez que tem responsabilidade em orientar a prática docente e garantir à sociedade uma educação de qualidade, que lhes permita o crescimento profissional e interpessoal visando ao pleno “exercício de cidadania”.

4 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PROPOSTA PELA BNCC

A BNCC é um documento voltado para o ambiente escolar, o qual norteia o trabalho do professor com relação aos conteúdos que devem ser lecionados de acordo com cada área do conhecimento, bem como estabelece as habilidades e as competências que necessitam serem desenvolvidas no decorrer de cada ano letivo.

A variação linguística, tema deste trabalho, é uma das temáticas discutidas dentro da área de linguagens na BNCC, tendo em vista que os conteúdos devem ser ensinados com vistas a atender a vida intelectual e profissional do aluno, bem como voltada para uma perspectiva puramente reflexiva e humanizadora dele, de forma a “colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 493). Sendo assim, a BNCC define como uma de suas competências, que o aluno em um dado período escolar possa compreender que a língua é:

Fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo, e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como forma de expressões identitárias pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceito de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 494).

Em relação a isso, contata-se que a BNCC deixa explícito a visão heterogênea que possui da língua. Com isso, possui a pretensão de ampliar a visão dos discentes com relação a este fenômeno e mostrar os benefícios de se compreender a língua por esse viés.

Além do mais, é possível notar uma preocupação minuciosa na desenvoltura dessa competência específica 4 sobre variação linguística, estas se encontram explícitas por meio das duas primeiras habilidades situadas na área de língua portuguesa no documento BNCC, as quais propõem aos educadores proporcionarem aos alunos a obtenção do contato com os textos que contêm tais variações, e assim adquirir o conhecimento necessário para pôr em prática na realidade social de comunicação. Isso fica perceptível segundo os expostos abaixo:

(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso. (BRASIL, 2018, p. 494).

(EM13LGG402) Empregar, nas interações, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, aos interlocutores e ao gênio do discurso, respeitando os usos das línguas por esses interlocutores e sem preconceito linguístico.” (BRASIL, 2018, p. 494).

Em relação a isso, é importante mencionar que as habilidades e as competências centralizadas nos campos de atuação, em destaque, o campo das práticas de estudo e pesquisa fazem um apontamento com relação ao ensino de língua portuguesa no ensino médio, isto é, além de se levar em conta a gramática prescritiva, deve-se considerar os variados usos da língua. Sobre isso, fomenta a BNCC.

No ensino médio, aprofundam-se também a análise e a reflexão sobre a língua, no que diz respeito à contraposição entre uma perspectiva prescritiva única, que se segue os moldes da abordagem tradicional da gramática, e a perspectiva de descrição de vários usos da língua. Ainda que continue em jogo a aprendizagem da norma-padrão em função de situação e gêneros que a requeiram, outras variedades devem ter criado espaço e devem ser legitimadas (BRASIL, 2018, p. 504).

Neste viés, a BNCC orienta que os professores trabalhem com gêneros textuais mais usuais no cotidiano, de modo a contemplar os diversos modos de linguagem. Como descreve Lima (2019, p. 16):

Percebemos a necessidade de adequar o ensino de língua materna à realidade dos alunos, isto é propor ao alunado um ensino voltado para o uso da língua nos seus mais variados contextos.

Além disso, é possível notar uma habilidade a ser desenvolvida no aluno que permita ao mesmo adquirir conhecimento de forma mais ampla acerca de todos os níveis e tipos de variação. Essa se encontra na página 508, onde é tratado acerca de como deve ser diligenciado todos os campos de atuação social, onde os conteúdos de língua portuguesa devem ser ensinados com base nas práticas (orais, escritos, multisemióticos) e análise linguística/ semiótica. Referente à habilidade a ser desenvolvida no aluno, estabelece a BNCC:

(EM13LP10) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético- fonológico, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária e etc.) De forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos. (BRASIL, 2018, p. 508).

Em vista dos expostos, conclui-se que a BNCC apregoa a inclusão da variação linguística em seus diversos tipos e níveis dentro do sistema de ensino, mostrando, por intermédio das habilidades e competências, mostra como o ensino de língua portuguesa deve ser conduzido, a saber baseado numa concepção de língua heterogênea pelos professores atuantes da área.

5 METODOLOGIA

Segundo Gil (2009, p. 26), o método define-se como sendo o caminho no qual, deve-se chegar a determinado fim e, por sua vez, o método científico é definido como o conjunto de procedimentos técnicos e intelectuais utilizados a fim de que se atinja o conhecimento. Ainda no entendimento desse autor, o método é visto como também um conjunto de etapas e instrumentos que o pesquisador faz uso para chegar ao resultado de seu estudo da sua teoria, enquanto que o conhecimento científico tem por finalidade explicar e discutir um fenômeno baseado na verificação das hipóteses.

Na visão de Ander-Egg (2007, p. 28), a pesquisa se trata de um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, o qual permite descobrir novos fatos ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Nesse sentido, compreende-se, portanto, que o trabalho de pesquisa objetiva gerar conhecimentos, envolver verdades e interesses universais assim como ainda gerar informações para a aplicação prática dirigida a solução da problemática em estudo. Assim, a pesquisa científica se faz por meio de etapas e a forma como procede é classificada quanto aos objetivos, natureza da pesquisa, escolha do objeto do estudo, técnica de coleta de dados e técnica de análise de dados. Nesse sentido, esse estudo pode ser classificado como uma pesquisa *qualitativa, exploratória, descritiva e bibliográfica*.

Sendo assim, no que se refere a abordagem a pesquisa aqui apresentada classifica-se como uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Lakatos e Marconi (2011, p. 269), trata-se de uma forma de estudo que se preocupa mais em analisar e interpretar os dados em seus aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade e a subjetividade do comportamento humano. Ainda em consonância com essas autoras, o estudo qualitativo não faz uso de dados estatísticos como análise do problema, mas

são interpretados e analisados pelo pesquisador conforme os conhecimentos e as experiências deste.

Em relação aos objetivos da pesquisa o estudo pode ser considerado uma pesquisa exploratória, considerando o que afirma Fernandes e Gomes (2003, p. 07) ao dizer que esse tipo de estudo visa assegurar informações através de um estudo mais aprofundado sobre o tema de interesse, a fim de recolher dados que permita responder a questão-problema do estudo. Segundo Gil (2009), considera-se que a pesquisa exploratória tem como finalidade precípua desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de um problema mais preciso e hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De acordo com Gil (2009) esse tipo de estudo são aqueles que menos apresentam rigidez no planejamento, já que são planejados cuja finalidade é ter visão geral, aproximativa em torno do tema.

Trata-se ainda, de uma pesquisa descritiva, porque segundo Prodanov e Freitas (2013) esse tipo de estudo se faz quando o pesquisador registra os fatos observados e descreve-os sem interferir neles, e nesta descrição atribui as características da população ou fenômeno estudado, o estabelecimento de relações entre as variáveis. Na pesquisa descritiva, o pesquisador analisa e ordena os fatos sem manipulá-los e assume, em geral, a forma de levantamento, e com isso, faz uso de técnicas específicas, procurando explicar e interpretar fatos que ocorrem.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa se classifica como bibliográfica, porque de acordo com Severino (2011, p. 122), esse tipo de estudo se realiza mediante os registros já disponíveis em livros, artigos, teses e dissertações, que já trabalharam o tema. Dessa forma, segundo o autor, mostra o pesquisador trabalha a partir de materiais já publicados em livros, artigos e periódicos disponíveis que podem ajudar na construção da escrita do trabalho sobre o tema pesquisado.

O livro escolhido para a análise deste trabalho é o: "Práticas de Língua Portuguesa", dos autores Carlos Faraco, Francisco de Moura e José Maruxo Júnior, utilizado no 1º Ano do Ensino Médio. O motivo de escolha baseia-se no fato de se tratar de um livro atual escolhido depois da reforma dos documentos da BNCC para o ensino médio. O referido livro foi publicado no ano de 2021 pela Editora Saraiva contemplando a área de Linguagens e suas tecnologias.

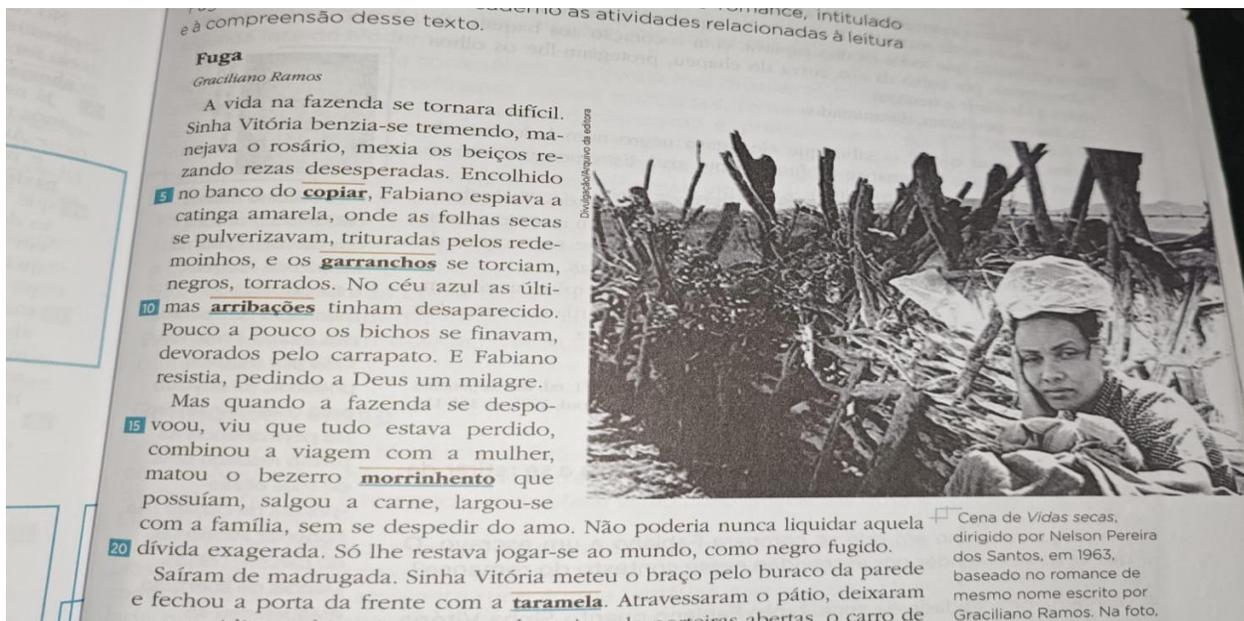
Na proposta do livro escolhido (Práticas de Língua Portuguesa) pelos autores (FARACO, MOURA e MARUXO JÚNIOR, 2021), observa-se que o mesmo foi concebido tendo em vista questões relevantes ao contexto contemporâneo e que estão previstos na BNCC para o ensino médio, cujo documento diz que o objetivo desta etapa da educação básica é consolidar, aprofundar e ampliar as aprendizagens do ensino fundamental.

5 ANÁLISE DE DADOS

O livro não trata de uma língua como um sistema fechado em si, privilegiando a gramática normativa como há alguns anos, apesar de muitos professores ainda tratá-la, até os dias atuais, como superior.

Nesse material, vê-se a língua sob um viés mais sociointerativo, pois, como o próprio nome menciona, leva-se em conta o ato interativo entre o locutor e o interlocutor no contexto social de uso. Porém, quanto à heterogeneidade, o livro possui textos que contêm a presença da variação/ diversidade linguística, no entanto, as atividades não abordam o tema com muita precisão. O que podemos constatar nos seguintes textos.

Figura 1 – Fuga



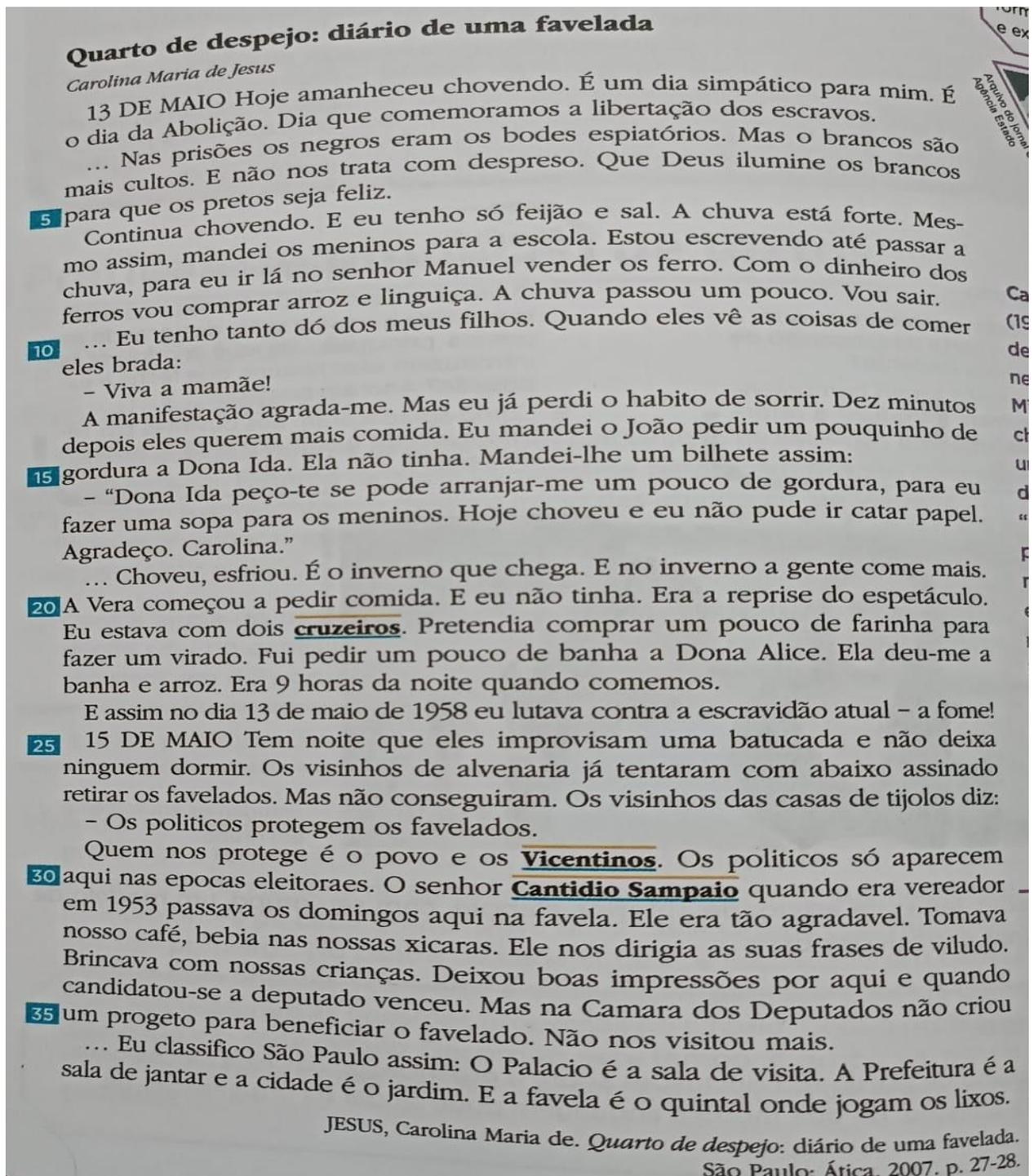
Fonte: Faraco, Moura e Maruxo (2021, p. 287)

A figura 1 trata-se de um trecho de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Nele, vemos expressões próprias da população que vive no sertão ou zona rural, tais como *garranchos*, *arribações*, *morrinhento* e *taramela*. Esses termos, em uma variedade mais prestigiada, podem ser conhecidos como *ramos de árvores*, *deslocamento de aves*, *prostrado*, *trava de madeira ou metal*.

Além disso, é importante ressaltar que, apesar da escolha do texto em relação ao livro didático ser rica, em palavras que fazem menção a uma expressão regional ou geográfica, o foco da atividade se volta para a interpretação textual, contando apenas com uma questão que pede para o discente definir a identidade social de um dos personagens do romance, de forma ampla, por meio da observância das características do local, onde se passa a história. Desse modo, cabe ao aluno apenas identificar um trecho e, a partir desse, informar a sua profissão.

Com isso, nega-se a oportunidade de os discentes analisarem e conhecerem diferentes expressões usadas em situações de interação, bem como entender que as variações são inerentes à língua, que, por sua vez, é heterogênea, principalmente, levando-se em consideração a extensão do continente brasileiro. Conhecer isso pode minimizar o preconceito linguístico, pois tais termos não serão vistos de forma errônea, mas atrelada a uma língua rica em vocabulário.

Figura 2 – Quarto de despejo: diário de uma favelada



Fonte: Faraco, Moura e Maruxo (2021, p. 80)

No segundo texto, a personagem trata-se de uma ex-escravizada, que, no diário pessoal, fala a respeito de como foi seu dia no dia 31 de maio. Ela se utiliza de um

vocabulário linguístico que particulariza o povo pertencente a uma camada mais pobre da população, indicando variação diatópica. Dessa forma, faz uso do termo viludo, vocábulo pronunciado com a vogal [i] em contraposição a vogal [e], bem como faz uso dos termos (os ferro, eles vê) sem fazer uso da concordância nominal e verbal, conforme prescreve a gramática normativa. Temos, também, a presença da expressão histórica e/ ou diacrônica: “bode expiatório” (um indivíduo que paga pelo erro do outro).

No que se refere, ainda, ao segundo texto, destacamos que a atividade do material analisado, que se segue após o texto anteriormente mencionado, conta com duas questões, as quais abordam sobre o tema “preconceito linguístico”, fruto da variação. É pedido que o discente faça uma análise da nota dos editores, com relação à linguagem empregada pela autora no diário e, em seguida, aponte o porquê de ela indicar uma forma de preconceito dessa natureza.

Figura 3 – Coisa de Preto

Coisa de preto

“Ô, Cristal! Tu só fala de racismo nas linha!”
 Desculpa, é coisa de preto, tu não entenderia
 Ouvi tanto o que não devia, evitando fadiga
 Agora entende por que me explodo na roda de poesia?

5 Então vamo pôr na roda o que eles não querem ouvir
 Esses tiozão que nos poda antes da gente florir
 Se a verdade tem que ser dita, então eu vou repetir
 Tô aprendendo agora o que na escola não aprendi
 Com Malcolm, Djamila e Muhammad Ali.

10 [...]

ROCHA, Cristal. Coisa de preto. In: DUARTE, Mel (org.).
Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta.
 São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. Edição em e-book.

Cristal Rocha é gaúcha e participa desde 2002 de eventos poéticos pelo Brasil. É uma das idealizadoras de

Fonte: Faraco, Moura e Maruxo (2021, p.101)

O último texto trata-se de um tipo de poema falado, o qual é denominado poetry slan, em que poetas que residem na periferia abordam temas de cunho crítico a respeito do racismo, da violência e etc. Diante desses inscritos que têm suporte na

oralidade, é possível notar a presença de jargões linguísticos informais e expressões corriqueiras de uso do grupo. O autor declamador do poema utiliza nomes do tipo: "fadiga (cansaço), tiozão (homem de meia idade com comportamento de adolescente), me explodo"(ânimo exaltado). As questões da atividade abrem discussões, no que concerne ao uso de expressões serem corretas quando utilizadas de acordo com o contexto social e a mensagem que almeja emitir. O exercício pede para que o alunado observe os termos próprios da linguagem oral utilizada pelo autor do texto, que, aparentemente, habita nas periferias do hemisfério sul, bem como faz um questionamento do porquê do uso da norma padrão não ser coerente nesse estilo de texto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne ao trabalho realizado, vimos o conceito de variação linguística, as explicações acerca das categorias (regional, social, diacrônica e estilística), e exemplos de sua manifestação no cotidiano. Isso evidenciou que o fenômeno se faz contante na vida interativa dos falantes, e que é inerente ao próprio instrumento de comunicação (a língua).

Em seguida foi discutido sobre a variação linguística e a sua condução no ensino de língua materna, o qual foi comprovada a preferência de uma abordagem acerca da norma padrão da língua portuguesa, bem como a resistência por parte dos professores e das instituições escolares em relação a um ensino baseado nos usos da língua e suas variações.

Neste mesmo seguimento, viu-se a relevância de uma abordagem heterogênea para os alunos, isto é, diminuição do preconceito e o desenvolvimento da competência comunicativa. Com isso, o papel da BNCC foi citado visando à reflexão por parte do professor com relação a um ensino de língua materna heterogênea e humanizadora, com vistas a concretização dos postulados pela BNCC que diz: "Proporcionar a população uma sociedade inclusiva e preparada para o pleno exercício de cidadão".

No tocante aos estudos realizados acerca do livro "Práticas de língua

portuguesa”, identificamos que a concepção de língua norteadora do material didático repousa sob um viés sociointerativo entre locutor e interlocutor no contexto social.

Já referente à abordagem da variação linguística no material, contata-se parcialmente a sua presença, porém sem um aprofundamento no sentido de nortear os alunos acerca dos tipos de variações existentes. As atividades somente conscientizam os discentes sobre a linguagem coloquial utilizadas no inscrito, serem adequadas ou não à situação comunicativa e atrela ao preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

ANDER-EGG, E. **Introducción a las técnicas de investigación social**: para trabajadores sociales. 7ª edición, Buenos Aires: Humanitas, 1978.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico, o que é, como se faz**. São Paulo, Brasil, Loyola, 2002.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso - Por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo. Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49ª edição. São Paulo: Loyola, 1999.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Katál.**, Florianópolis, v. 10 n. esp., p.37-45, 2007.

BORTONI, Ricardo. **Educação em língua materna: A sociolinguística em sala de aula**. Parábola editorial, São Paulo, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018.

CESÁRIO, M. M.; VOTRE, S; COSTA, M. A In MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: editora contexto, 2008, p. 141- 155.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FARACO, Carlos; MOURA, Francisco. **Práticas de língua portuguesa**. São Paulo, Brasil: Saraiva, 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, F.E.L.N. **A variação linguística em sala de aula**. Mote para uma superação do preconceito linguístico. Currais Novo, RN. 2019.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). et al. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução a linguística**: domínio e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: contexto, 2006.

ROMAINE, S. *Language in Society*. 2. ed oxford: oxford university press, 2000.
Scherre, Maria Marta Pereira; Yaconenco, Lilian Coutinho. *A variação Linguística e o*

papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**. V. 10, n 3. Curitiba: 2011. Disponível em: <http://ojs.E3sl,expr.br/ojs/index.php/ABRALIN/article/view/32348> Acesso em: 18 no. 2015.

SEVERINO, A.J **Metodologia do trabalho científico**.23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, Alexia Maria de Holanda Marques,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A Variação linguística em paulista: uma análise de um
livro de língua portuguesa do ensino médio
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 28 de setembro de 2023.

Alexia Maria de Holanda Marques
Assinatura

Alexia Maria de Holanda Marques
Assinatura